

Anno	28.
Semestre	5.
Trimestre	3.
Folha avulsa	25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

TA-SSI-YANG-KUO

國 洋 西 大

Semanario Macaense d'interesses publicos locais, litterario e noticioso.

PARA OS SUBSCRITORES.
Não excedendo de 20 linhas...\$1
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITORES.
Não excedendo de 10 linhas...\$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

MACAU, 24 DE AGOSTO

No ANTERIOR numero deste jornal prometemos apresentar uma revista da marcha diplomatica, seguida na China pelos ministros e agentes das nações da Europa, que tem tratados com o governo do celesste imperio. Faremos por ser resumidos e imparciaes, como é o nosso dever.

É fóra de duvida que a guerra com a China foi uma necessidade, que a civilisação impoz ás grandes potencias, para estabelecer entre a Europa e este vasto imperio as relações commerciaes e politicas, não como as que outr'ora tinham os povos do occidente na China, mas solidamente constituídas sobre os principios do direito das gentes, a fim de haver garantias para os direitos adquiridos; porque se não devia, nem deve consentir que os povos, seja qual for o seu grau de civilisação, se conservem afastados, e em um isolamento prejudicial aos bons principios e aos legitimos interesses da humanidade.

A guerra dos povos do occidente com a China está, pois, mais que justificada, não só pelo alcance e importancia da ideia em si, mas porque os chinas, por muito tempo e repetidas vezes, provocaram uma resolução desta ordem.

Terminada a guerra, que passou sem deixar grandes traços de invasão, a China continuou a ser governada, como havia sido até então pelos *mandarins*, especie de conselho aulico, que em todas as coisas se conduz com a deslealdade dos que se não movem senão pelo egoismo, pospondo sempre ao bem da patria o interesse individual e o de classe, iludindo a todos com a refalsada apparencia do escravo, que o são todos para com seu amo o imperador, e crueis tyrannos para com os que lhes ficam inferiores.

Nas suas relações com os europeus, tambem elles são humildes ou altivos, mas nunca leaes, o que depende do receio que tenham das forças europeas, ou da presumpção de confiança que tenham das suas forças proprias. A dependencia e o receio é, pois, o que unicamente faz curvar a cabeça ao governo dos factos *mandarins*.

Insistimos em tocar estes topicos do caracter e disposição dos homens, que constituem a governança do celesste imperio, para com melhores bases atingirmos o fim a que nos propomos.

É inquestionavel que, na historia das relações modernas com a China, é a Inglaterra a nação que mais avulta entre todas aquellas que fizeram tratados com a China. O seu grande commercio com este imperio obrigou-a a empregar meios mais consideraveis de força e de ostentação do que qualquer outra nação, e por isso o resultado lhe foi muito mais profucuo, e as consequencias de muito maior alcance; e assim devia ser.

Á frente, pois, desta cruzada moderna das nações da Europa contra a China, o Japão e todos os povos das raças orientaes, é a Inglaterra a que mais tem combatido e conquistado. O seu prestigio é, por tanto, immenso nestas regiões, assim como têm sido consideraveis os serviços feitos por ella á causa da civilisação.

Quanto aos interesses commerciaes que auferem na Asia a activa e intelligente raça saxonica, são elles tantos e tão importantes, que mal se podem calcular, e acrescentaremos que bem digna é de fazer esses interesses, porque elles são uma justa remuneração do seu incançavel e intelligente trabalho.

D'aqui deduz-se facilmente que as nações da Europa, e bem assim a China têm muito attentos os olhos sobre a politica da poderosa Albion neste imperio, (como em toda a parte). Portanto será pela sua politica, nas questões da actualidade na China, que começaremos a nossa revista.

Corre publicado o extracto de um officio do ministro de Inglaterra em Pekim a lord Russell, ministro dos negocios estrangeiros, e bem assim o despacho que é datado de 12 de junho de 1863, que diz, em resumo, o que se segue:

Que o ministro de S. M. britanica de ha muito tinha combinado com o ministro de França, para haver accordo entre as potencias estrangeiras, quando tivessem de punir pela execução dos direitos communs dos tratados.

Que nas mesmas vistas estavam os representantes da Russia e dos Estados Unidos.

Que era tambem opinião sua (do ministro de Inglaterra) que nenhum auxilio moral ou socorro deveria ser dado ao governo da China, se este não empregasse todos os meios, e não arrostasse mesmo com a opinião, para fazer respeitar os privilegios dos tratados, lutando até, sendo necessario, contra o partido anti-estrangeiro da China, para não interromper as boas relações com as potencias europeas.

Deste accordo de todos os ministros residentes em Pekim resultou um *memorandum*, que é a substancia das observações, dirigidas ao principe Kung em 5 de junho de 1863 pelo ministro de Inglaterra.

O *memorandum* começa pelas muito significativas palavras que abaixo transcrevemos.

“Sir F. Bruce deseja que o principe de Kung entenda que elle tem razão para estar muito descontente:

“1.º Com as faltas geralmente commettidas na execução dos tratados em todos os portos.

“2.º Com o systema do governo, geralmente pouco conciliador para com os estrangeiros.”

Em seguida mostra-lhe os serviços prestados ao governo imperial pelas forças alliadas contra os rebeldes, fazendo-lhe bem sentir que se não fosse este auxilio, seria quasi impossivel que os rebeldes podessem ser obrigados pelas forças imperiaes a abandonar Shanghai e outros pontos. Comtudo S. Exa. não deixa passar a occasião de fazer sentir ainda ao principe de Kung que, pelos tratados, o governo chinez é quem devia proteger os estrangeiros residentes, e que foram as foças europeas as que protegeram não só os estrangeiros, mas ainda uma grande massa de chinas, que de muitos pontos vieram abrigar-se de baixo da protecção das armas estrangeiras.

S. Exa. declarou muito explicitamente que não esperava, nem pretendia uma extraordinaria demonstração de gratidão por estes serviços, mas contava que ao menos o governo central fizesse observar fielmente os tratados nos diversos portos, e que S. Alteza o principe Kung empregasse todos os seus esforços para organizar convenientemente o poder executivo.

Depois exprobo-o pela illudida expectativa na execução dos tratados, citando-lhe factos incontestaveis da má vontade das auctoridades, concluindo por lhe fazer sentir que o governo da China, desta forma, iria alienando todas as sympathias dos estrangeiros, e que, pelo menos, seria o governo abandonado no meio de suas difficuldades.

A politica dos esforços reunidos de todos os ministros, que têm tratados com a China para os fazer executar fielmente, —é tambem aquella que entendemos deveria ser adoptada. Mas, admittido o principio, seria necessario não faltar com a firmeza e persistencia da parte das potencias europeas, para que os chinas se convencessem de que um accordo, tomado entre representantes de nações diversas, era um facto solemne, a que elles teriam de sujeitar-se.

Não é vagamente que fazemos este apello á firmeza e á persistencia dos que representam na China as potencias occidentaes, porque desde o anno de 1863, em que teve logar a representação do *memorandum*, muitos factos, praticados pelo governo china contra o que se esperava do *memorandum*, provam que os chinas têm persistido mais em reagir contra os bons principios do que em cumprir os tratados; e como não têm sido coagidos a entrarem na orbita do dever, succederá que elles irão passo a passo retrogradando, e não será muito tarde talvez que para os fazer vir ao bom caminho, tenha de empregar-se novamente a guerra.

É, comtudo, dever da diplomacia e da boa politica evitar a guerra tanto quanto possa, e neste caso seria para desejar que assim se fizesse, o que talvez podesse conseguir-se, empregando-se uma perseverante e firme politica, que ao passo

que fosse esclarecendo o governo do celeste imperio, o fosse ao mesmo tempo sujeitando a cumprir as obrigações a que está ligado, não só para com os europeus, mas para com a propria China.

Em quasi todos os jornaes, que se publicam na China, temos lido que a reacção, que ha no imperio contra os europeus, é movida pelo proprio governo.

Ora, é preciso convirmos que a discussão com os chinas não é como a que se pôde ter com os povos cultos, estabelecendo-se premissas para se chegar á conclusão. Têm elles grande facilidade em illudir as questões, servindo-se de mil subterfugios pouco ingenhosos, mas impertinentes, com os quaes defendem a sua doutrina, sem lhes importar os argumentos e principios que se lhes oppõem. Obrigados pela força a ceder de seus preconceitos, como no caso da residencia dos actuaes ministros estrangeiros em Pekim, declaram obstinadamente que não admittirão mais ministros estrangeiros de residencia em Pekim, senão pelo mesmo meio da força armada!

Referindo-nos ainda á politica, adoptada pelos ministros das côrtes europeas residentes em Pekim, perguntaremos se o accordo de reclamarem juntamente pela execução dos tratados tem sido constantemente seguido, ou se tem havido divergencia em algum ponto dos artigos dos tratados.

Não o sabemos; e comtudo duvidamos um pouco da sinceridade do accordo, porque o resultado não corresponde aos meios. Os factos já são de sobra para o provar. Alem disso, vemos que, devendo as missões diplomaticas na China ter o duplo encargo de fazer cumprir os tratados, e de ensinar ao governo deste povo semi-barbaro quaes os principios do direito das gentes, unicos que podem regular as questões da China com os povos do occidente, elles, os homens da governança do imperio chinês, ignoram ainda esses principios ou não os cumprem, e este procedimento é a cada passo repetido. Se os representantes das potencias europeas, residentes em Pekim, quizessem alcançar o fim, a que a sua excepcional posição os obriga, elles teriam já protestado e reclamado por muitas vezes contra o procedimento do governo chinês, que tem persistido em ser o mesmo que sempre foi contra os europeus, e que esprieta a occasião de se vingár daquelles *barbaros*, que não sabem ser tenazes bastante, para obrigar a China a aceitar a verdadeira civilisação, ou bastante humildes e *especuladores*, para acceptarem a civilisação chinesa.

A decisão depende dos fins, que se podem ter em vista, mas a verdade é só uma.

Voltaremos ao assumpto.

COMMUNICADO.

O *Echo do Povo*, depois de haver feito promessas de que se emendaria do seu errado procedimento; depois mesmo de me ter pedido que não admittisse no *Ta-ssi-yang-kuo* certas correspondencias que lhe não agradavam, e eu, fiado na emenda que prometia de seu procedimento, ter-lhe plenamente satisfeito ao seu pedido,—parece querer voltar já ao seu systema antigo, systema, que ainda ha pouco elle mesmo condemnou!

É muito abusar da paciencia e boa fé de um seu collega, e da tolerancia do publico!

Pois o *Echo* publica uma correspondencia insolentissima, e a mais indecente de quantas podem constar dos annaes do jornalismo mais desabrido e boçal, e estranha que o aggreddido lhe respondesse de um modo energico e forte? Que queria então que elle fizesse? Queria que lhe não desse resposta?

Se assim é, se, publicando certas correspondencias, espera que não mereçam resposta, então eu lhe dou razão, porque vejo assim que o meu collega do *Echo* tem a consciencia de que muitas coisas que publica no seu jornal não merecem a consideração de uma resposta. Tem razão o collega e seus correspondentes em não esperarem que se lhe responda a muitos dos seus escriptos. A redacção do *Ta-ssi-yang-kuo* já por vezes assim o tem entendido tambem, porque lhe não tem respondido ao que não tem resposta.

Eu, porem, que não devo consentir que se illuda o publico, sempre lhe direi duas palavras e mais aos seus correspondentes, e publicarei dois documentos, pelos quaes o publico imparcial poderá conhecer bem se tenho ou não razão.

O *Echo do Povo*, como todos sabem muito bem, é que vem sempre a provocar com *picuinhas*. De cá ninguém o provoca, porque as questões do *Ta-ssi-yang-kuo* são sérias: só se trata do bem desta colonia. A missão deste jornal não é de provocar ninguém: é de esclarecer e persuadir, mas quando o *Echo* (fallo dos homens que o escrevem) se tem obstinado em aggreddir, tem-se-lhe dito de cá quatro verdades amargas, com o que elle se tem ido calando como pôde. Vendo por fim que não tirava partido de suas provocações, porque não podia e jámais poderá obstar a que este jornal siga a verdadeira senda jornalística, fez declarações, promessas, pedidos, e escreveu-me uma carta nesse sentido, que eu recebi de boa fé, e de boa fé lhe respondi, porque pensei que o collega estava autorisado a escrever-me a alludida carta; mas agora vejo com surpresa que o accusam disso!

Eu tive força sufficiente para não publicar correspondencias que desgostassem o collega, visto que assim m'o pedia; o collega, que foi quem me fez este pedido, não tem força para satisfazer ás condições que me propoz de seu motuo proprio, de sua livre e espontanea vontade, e apparecem agora os seus correspondentes a intervir neste negocio! Parece que o collega nada pôde realizar do que imagina e declara lá em Hongkong, sem o consentimento dos seus correspondentes cá de Macao! Deste modo obriga-me, e obriga o publico a desconfiar das promessas e declarações solemnes e não solemnes, que por ahi se fazem em abundancia!

Mas que historia é esta de *cacête*, que apparece agora no *Echo*?

Um dos correspondentes do collega accusa um correspondente do *Ta-ssi-yang-kuo* de ter fallado em *cacête*.

Isso é uma refinada falsidade; cá no *Ta-ssi-yang-kuo* nunca se fallou em *cacêtes*.

Quem, tendo lido o *Ta-ssi-yang-kuo*, pegna na penna, e diz que leu lá *cacête*, sem lá estar essa palavra, é talvez porque os

remorsos lhe estão sempre a apresentar diante dos olhos este formidavel objecto, é talvez porque o crime o está accusando, mas o publico é que não está para o aturar.

Estas falsidades, assim como uma deslealdade, que já vou citar, são muito velhas no *Echo*.

Onde foi que se disse no *Ta-ssi-yang-kuo*: *Que podemos repetir as fomentações?* Onde e quando se disse semelhante coisa?! O que se disse foi: "Que lhe podem repetir as fomentações?"

Não invertam o sentido do que se escreve, que commettem uma deslealdade atroz.

E fallam em patria, quando tanto a têm insultado! Ainda ha pouco que dirigiram inconvenientissimos epithetos á primeira, á mais distincta sociedade desta terra, pelo que excitaram a indignação geral, perdendo tantos assignantes, como tristemente o declararam.

Tenho em meu poder uma correspondencia do Sr. L., que por conter palavras um pouco pesadas e asperas, a não publico, se bem que conheço que o Sr. L. tem muita razão de se indignar contra quem lhe inverte o sentido ás suas palavras, assim como se tem indignado contra o auctor da correspondencia, que acabava por *Peixotadas*, e que fallava em pontapé no pretérito, a qual foi uma nodoa negra, que só serviu para mascarar quem a lançou ao papel, e desacreditar quem a admittiu no *Echo do Povo*.

Concluirei por mostrar ao publico a carta que recebi do collega do *Echo*, e a minha resposta, para que o publico veja que o individuo que me fez a proposta, parecendo fallar com a singeleza do coração, bem depressa desprezou o que me propoz, em quanto que eu me tenho conservado firme no proposito em que lhe respondi.

Eis as duas cartas:

HONGKONG, 4 de Agosto de 1864.

Sr. José M. da Silva,

Editor responsavel do *Ta-ssi-yang-kuo*.

Havendo apparecido no n.º 279 do *Echo do Povo* uma correspondencia assignada "*Peixotadas*," que muito me desagradou, não só em si, mas tambem por estar diametralmente opposta ao proposito que hei formado de não entrar, nem acoller personalidades e invectivas no meu Jornal, como se deprehende de um artigo da folha anterior á alludida, em que assentei de guiar o meu Jornal por melhor senda, depois de amargas experiencias, de que não trilhava uma que convinha á dignidade de um Jornal—faço esta a V. rogando-lhe o obsequio de communicar aos mais Redactores do *Ta-ssi-yang-kuo* este meu desgosto e desapprovação á cerca da dita correspondencia, que escapou por inadvertencia do Revisor do meu Jornal, talvez não conscio do meu proposito, que eu aqui ratifico e d'ora em diante porei maior cobro para que não appareça mais escripto d'esse genero.

Tambem por esta occasião sou de pedir a V. e aos mais Redactores do *Ta-ssi-yang-kuo* se abstenham egualmente de personalidades, como se veem das ultimas correspondencias exaradas n'aquelle Jornal, e que d'ora em diante, pondo um véo sobre o passado, não nos occupemos mais que de assumptos verdadeiramente interessantes e que não degradem por esse lado, tão digno de censura de homens pensadores e de maduro juizo. O passado, passado. Fallemos do futuro. Espero que eu e os meus Collegas—acordes neste ponto—não nos afastaremos jámais da vereda do verdadeiro interesse para o publico, cujo bem procuramos, e para dignidade dos Jornaes que redigimos, para credito do nome Portuguez que nos cumpre zelar.

Com toda a consideração,

Sou de V.

Sec., &c.,

J. J. S. SOUZA.

MACAO 4 de Agosto de 1864.

ILLMO. SR. JOÃO JOSÉ DA SILVA E SOUZA,
Redactor-responsavel do Echo do Povo.

Tanto eu como a redacção do *Ta-ssi-yang-kuo* achamos muito justa a ratificação, que ao propósito serio, tomado ha dias por V. Sa. sobre a marcha do seu jornal, se digna fazer-me agora na carta que acaba de enviar-me nesta data. Também a todos nós nos apraz acceder ao pedido simultaneo, que V. Sa. nos faz na mesma carta, se bem que temos a consciencia de não havermos deslizado do caminho, que regulado pela verdadeira praxe jornalística, uma vez encetamos nesta terra.

A boa vontade, que V. Sa. acaba de manifestar-me, de que se não admittam na imprensa periodica as desmoralisadoras questões de personalidades, é o mesmo sentimento que por muitas vezes a redacção deste jornal, bom grado meu, tem aconselhado pela imprensa a V. Sa.; e por isso temos indizível satisfação de que a experiencia viesse com o tempo corroborar a opinião ingenua e franca, que este jornal a tal respeito tem reiteradas vezes apresentado a V. Sa.

A imprensa, que acima de si só vê a lei, é, na voz auctorizada de uma de nossas illustrações, "o facho da historia, o arquivo das sciencias, o terror dos despostas, o flagello da mentira e a pregoeira da virtude," mas, para a imprensa cumprir esta subida missão, é necessario que se eleve á altura della, já com logicos argumentos, já com uma linguagem polida e accessivel a todas as intelligencias, quer o assumpto de que trate seja sisudo, quer seja risivel.

Em presença disto e do que em diferentes occasões a redacção do *Ta-ssi-yang-kuo* tem dito a V. Sa., parece-me que V. Sa. não poderá duvidar jámais de que o nosso verdadeiro desejo é que este jornal e o seu se unam em santa cruzada, para, como lhes cumpre, advogar de um modo proprio e digno os interesses desta terra.

Com toda a consideração,

Sou de V. Sa.

Atto. vndr. e Servo,

J. DA SILVA.

NOTICIAS DIVERSAS.

Expediente.—Preenchêmos hoje a secção de noticias estrangeiras com a carta que recebemos de Paris,—o que faremos sempre que o nosso bem informado correspondente nos obsequiar com as suas apreciações revistas.

Tendo adoecido dois dos nossos typographos, não podemos publicar um communicado sobre Timor, que recebemos do sr. J. J. Peres da Costa, o que faremos no numero seguinte.

Tambem recebemos uma correspondencia, continuando a demonstrar a differença que ha entre a nossa religião e os padres ou partido clerical, a qual pelo mesmo motivo não podemos hoje publicar.

Fallecimento.—Falleceu em Lisboa o sr. Feliciano Antonio Marques Pereira, pae do nosso estimavel collega o sr. Antonio F. Marques Pereira.

Já Portugal conta de menos um leal e excellente official de marinha, um dos bons capitães de fragata da armada real, que, passando por todos os postos, soube sempre ser fiel ao seu soberano, e abrihantar todas as classes a que pertenceu; e que, achando-se em diversas vicissitudes politicas, soube sempre pugnar pela liberdade, e pelas instituições mais proficias ao paiz que o viu nascer, sendo ao mesmo tempo um filho obediente, um excelente esposo e um bom pae.

O sr. Marques Pereira, depois de ter feito muitos relevantes serviços ao seu paiz, foi nomeado para commandar a corveta *D. João I* de estação em Macau, para depois succeder no governo desta colonia ao Exmo. visconde da Praia Grande, mas não se tendo effectuado esta successão pelo facto de continuar no governo da colonia o Exmo. visconde, o sr. Marques Pereira regressou a Portugal, mas com uma doença adquirida em varios portos deste extremo oriente, a que a final succumbiu aos 62 annos de idade. A compleição, a robustez physica do sr. Marques Pereira era, contudo, para mais longa vida, senão fosse a doença, que adquiriu com a sua viagem á China.

A sua estimavel familia ficou inconsolavel, e nós sentimos a perda de tão bom chefe de familia, e de tão bom funcionario publico portuguez.

Damos os nossos sentimentos ao seu consternado filho e nosso estimavel collega o sr. Antonio Marques Pereira.

Arribada.—Hontem (quarta-feira) ao anoitecer entrou na rada, desarvorada e a reboque do *Maggi Lander*, a galera portugueza *D. Maria Pia*, que d'aqui sahio em 4 do corrente, conduzindo

passageiros chinas para Callão de Lima. Segundo nos informam, soffreu um tufão no dia 11, que durando trinta e seis horas lhe causou importantes avarias.

Gragas regias.—Por decreto de 24 de maio foi agraciado com o grau de Cavalleiro da Ordem de N. Senhora da Conceição, o negociante desta cidade, Antonio Carlos Brandão. É com a condecoração do habito da ordem de S. Bento de Aviz, o Capitão Tenente, Secretario do Governo, Gregorio José Reibiro, por decreto de 15 de junho. O dr. Lucio Augusto da Silva, cirurgião-mór da provincia, foi tambem agraciado com a commenda de Christo, por decreto de 15 de junho.

Regio exequatur.—Por carta patente de 28 do maio, foi concedido ao Sr. Barão do Cereal Antonio o regio exequatur, para poder exercer as funções do cargo de consul de Italia em Macau.

Estatistica.—O valor da importação e exportação de Macau, no 2.º trimestre deste anno, em embarcações chinezas é de \$359,507.

Occurrencias policiaes.—Desde 16 até 23 do corrente foram presos, e enviados á procuratura por alguns furtos e trafico prohibido, um china A-you e outro He-apau, e appareceram em diferentes pontos da cidade cinco cadaveres do chinas, que foram sepultados pelos respectivos *cabecas da rua*, sendo tambem apanhados trez cães vadios, e remetidos para a Taipa.

Japão.—Os negocios de Yédo não são bons; os velhos membros do conselho do Taicium declinam de si o coadjuvarem sua magestade na gerencia da politica. Uma tentativa contra a vida do Taicium teve logar, envenenando-lhe a comida; foi porem avisado a tempo, e o criado que serviu para a experiencia foi victima.

Ignoram-se por em quanto as particularidades d'esta conspiração. Anunciava-se officialmente que Yamato seria elevado a *Saidai* ou regente do imperio.

As ultimas noticias de Shanghae de 16 do corrente dizem que as baterias do principe de Choschui, fizeram fogo sobre os vapores ingleses *Barossa* e *Cormorant*, que alli tinham sido mandados com despachos de Sir R Alcock para o principe de Naugatto.

Ningpo.—Dizem os jornaes de Shanghae que os imperialistas e franco-chinezes experimentaram uma derrota em Hoochow, morrendo 5 officiaes, e tendo mais de 50 feridos.

Nankim.—Os jornaes de Shanghae, confirmando a noticia da tomada de Nankim, contam os massacres que os imperialistas fizeram aos prisioneiros, e asseveram ter sido decapitado no dia 2 de agosto Chung Wang, que até morrer teve a coragem de não reconhecer os altos officiaes que o tinham prisioneiro, nem a dinastia reinante na China. Parece que Chung Wang tentaria escapar-se, mas que o mau cavallo em que fugia fez com que fosse capturado. Relativamente a Tien Wang, confirma-se a noticia de se ter suicidado, e do mesmo terem feito as suas mulheres.

O filho de Tien-wang é que se diz agora ter escapado aos imperialistas.

Piratas.—A barca austriaca *Baron Kerner* foi destruida por seis juncos de piratas, 25 milhas ao SO do grupo das ilhas dos Pescadores.

Rebeldes.—Corre entre os chinas a noticia de terem os rebeldes, que se escaparam de Nankim, tomado *Simehoi*, porto importantissimo da china pela riqueza de seus habitações, distante de Pekim 15 dias de marcha. Não sabemos por enquanto se se poderá garantir esta noticia.

Naufraios.—A 13 de julho naufragou, em Keelung o navio *Johanna Fredericka*. Em 13 de agosto naufragou tambem na bahia de Owich, o vapor inglez *Soochow*. Um tufão que apanhou no dia 11 o fez arribar a este logar, onde se perdeu: durante o temporal o barometro marcou 28,05.

O vapor *Chanticleer* ponde porem soccorrel-o salvando a guarnição e a maior parte da carga, que era dinheiro e opio.

O *Chanticleer* conta tambem ter apanhado o tufão do dia 11, em 25.º 8' de latitude, e 119.º 40' de longitude, começando o vento pelo NE passando ao NO e depois ao SO, porem o seu barometro não passou de 29,35.

O brigue mecklemburguez *Vou Kaffert Gerlitz* naufragou no banco *Joaquim* á entrada de Suatua.

O vapor *Feloung* encontrou em terriveis circumstancias, desmastroado, e quasi sobre os rochedos ao sul de Thunder Head, o brigue inglez *Mary Jane*. Este navio ia para Ning-pó, e vinha de Bangkok. Quando o vapor se lhe aproximou, e lhe ponde, ainda debaixo de tempo, dar reboque, pela coragem do seu capitão, o brigue estava quasi a tocar nas pedras, vendo-se as praias visinhas cobertas de chinas que esperavam ansiosos o naufragio. O navio salvo foi rebocado para Suatua.

Temporales.—Tem sido muitos e successivos os que tem soprado na costa da China. Todos os vapores vindos do norte dão noticia de tufões, e de

grandes juncos virados ou espedaçados pela costa, e de navios desmastroados. No dia 6 deste mez houve um tufão violento em Fuchau; começou pelo NE, e terminou ao SO, sendo a maior força do vento ao NO, marcando então o barometro 29,04. Os juncos chinos soffreram grandes perdas, e mesmo entre os navios surtos no rio *Mm* houve grandes avarias. Em Amoi vier outro tufão no dia 12, que causou graves prejuizos, não só no ancoradouro, mas ainda no litoral da cidade. Começou este pelo N, rondando ao NE, e depois ao SO, onde acabou, marcando o barometro 29,25. Chuvas abundantes e pesadas, e inundações em Suatua e Cantão, ameaçam destruir a nova colheita de arroz completamente.

Sinistro.—O vapor americano *Chekiang* foi completamente destruido pelo fogo em Hankow. Não se diz a causa do incendio.

Forças allemãs.—As forças allemãs engajadas para a campanha consistem em 22,000 austriacos em Jutland e ao norte de Schleswig; dois corpos prussianos, de 24,000 homens cada um em Schleswig e um em Jutland, e outro de 5,000 homens em Holstein. Destes 75,000 homens, 65,000 são infantés, 5,000 de cavallaria, 5,000 artilheiros com 200 peças, das quaes 120 são raiaadas. Ha ainda 17,000 saxonios e hanoverianos em Holstein.

VIAGEM DA LEGAÇÃO PORTUGUEZA.

O regresso da legação a Macau tira a estes artigos a forma epistolar. Crêmos porem que o interesse, que o assumpto lhes presta, foi o não afasta o atrazo, que obrigadamente soffreram.

S. ex. o conselheiro Amaral demorou-se apenas sete dias em Shang-hai. As seis horas da tarde de 14 de maio, o vapor *Gérard*, da casa Smith Kennedy & C., largou do ancoradouro depois de receber a legação a bordo, e foi, já quasi de noite, fundear no Yang-tse-kiang, não muito longe da ilha Bushes.

Shang-hai está situada em 31º 14' de latitude norte e 130º 38' de longitude ao oriente de Lisboa. Distante quatorze milhas da foz do Wo-sung e proxima-mente sessenta da do Kiang.

Tornando a levantar ferro logar a que a maré nos foi favoravel na manhã de 15, saímos depressa o grande rio, e depois de avistarmos Gutzlaff e de passarmos entre os rochedos Amherst e a ilha Chai-uei-chan, dirigimos a prôa ao norte-quarta-nordeste e conservámos este rumo por dois dias até venciemos o promontorio de Chan-tung.

O *Gérard*, que não só para essa viagem o acaso destinára á legação, pois que tambem no regresso a havia de transportar desde Tien-tsin até Macau, foi designadamente construido para a navegação do Pei-ho. Tem força de cento e dez cavallos, capacidade de quinhentas toneladas, boas acomodações na camara e espaçosa coberta para passageiros chinas.

Ja juntamente comosco,—por pedido do Sr. D. Sinibaldo de Mas a que do melhor grado accedeu o sr. conselheiro Amaral,—o secretario da legação hespanhola, o sr. D. Pedro Alvarez de Toledo, joven e esperançoso diplomata, parente de Sua Magestade a imperatriz dos franceses. O sr. ministro de Hespanha e as restantes pessoas da sua legação deviam partir alguns dias mais tarde.

Favoreceu-nos no mar Amarello e no golfo o tempo mais delicioso que se pôde imaginar. A monção do nordeste parecia haver-se extinguido com os ultimos furões que lhe soffrêramos, ou se deixara vencer por uma ligeira brisa do sul, que nem chegava a rizar a superficie das aguas espelhadas como as de um lago. O horizonte, afastado e claro, animava-se a todo o momento com muitas vélas de pesca e de commercio.

É o promontorio de Chan-tung a extremidade mais oriental da China propriamente dita, incluindo a ilha Formosa. Da parte do sul e do norte, a costa dirige-se de longa distancia a formal'o, dando assim a quasi metade da provincia, de que elle recebe o nome, a semelhança de uma grande peninsula. A vista porem do viajante, a costa parece correr direita, e o grande promontorio entra-nha-se no mar repentinamente como querendo fugir-lhe, mas trazendo d'ella uma cordilheira não muito elevada, que desce de ambos os lados com suave inclinação. Estas encostas vêm-se cultivadas em muitos pontos, e ha no alto um pagode com uma torre de cinco andares.

Dobrado o promontorio ás seis horas da manhã do dia 17, navegámos ao longo da costa para o noroeste, em demanda do porto de Tche-fu, que lord Macartney chamou erradamente de Tang-chau, e que, pela razão que no seguinte artigo direi, é designado com este mesmo nome pelos tratados que o abriram ao commercio estrangeiro. Tão pouco lhe cabe com propriedade o nome de Tche-fu, que hoje lhe dão os europeos, porque a povoação assim chamada não é a villa que se encontra ao fundo da ba-

hia e onde elles se estabeleceram, mas sim outra, de menos habitantes e de pouco trato, que se avista ao norte, a duas milhas do ancoradouro. Os chinsas denominam a villa—Yen-tai, e bem assim o porto que lhe dá acesso, posto que também o appellidem bahia de Ki-san-sen.

É esse porto reputado o melhor da provincia de Chan-tung. A costa, vindo do sueste, descreve aqui uma profunda curva com tres enseadas, e lança depois para o norte o longo istmo da península em que está situada a aldeia de Tche-fu e que termina em um formidavel promontorio, cujo pico se ergue 1180 pés acima do nivel do mar. As tres enseadas são divididas por tres linguas de terra, que os ingleses chamam *Knob point*, *Middle point* e *Tower point*. As ilhas Kung-kung-cha completam do lado do mar a defesa da bahia, que assim fica abrigada de todos os ventos, especialmente para dentro de *Tower point*, onde os navios encontram fundo de dezessis a trinta pés, em frente e a curta distancia de Yen-tai.

A vista que se goza ao chegar a esse ponto é em verdade magnifica e repozosa o viajante da triste impressao que lhe causa a aridez de toda a costa visinha. A elevação que se adianta a prumo sobre o porto, coroada por um fortim de atalaia que lhe dá o nome, descobre gradualmente a enseada n'um semicirculo perfeito, cuja extremidade opposta é o istmo que já indicámos. Alvejam por entre o denso arvoredo de uma planicie extensa as casas de varias povoações para alem da de Yen-tai, e uma cordilheira não menos provida de vegetação, deixando ver as eminencias de outras que se vão excedendo e que a distancia vae mais e mais esfumando, termina em amphitheatro o fundo d'este quadro em que parece haver-se a natureza comprazido na harmonica execucao de todas as suas partes.

É muito para notar-se a semelhança que apresenta, da parte da bahia, a península de que fallámos com a de Macau, vista da povoação da Lapa. Com tão perfeita imitação se desenharam na atmosphera as cristas de todas as alturas até irem acabar no istmo, o qual também mostra admiravel paridade, que bem pôde dizer-se que nos ficou ali uma copia da margem do porto de Macau antes de povoada.

Foi n'este porto de Tche-fu que, ha quatro annos, em junho de 1860, as forças francezas se reuniram para se aprestarem ao ataque das fortificações do Pe-tang e do Pei-ho, ao passo que os ingleses escolhiam para o mesmo fim Ta-hien-uan, no lado opposto da entrada do golfo. O mórdo de Yen-tai foi destinado ao acampamento da infantaria, e a planicie da enseada do meio ao da artilheria e corpo de guias. Junto á praia da villa, no lugar em que hoje se encontra o consulado inglez, estabeleceu o commandante em chefe da expedição, Cousin-Montauban, depois conde de Palikiao, o seu quartel-general.

O povo de Yen-tai e das aldeias visinhas, amedrontado em principio com tão formidavel desembarque, tinha fugido para alem das montanhas, abandonando precipitadamente tudo o que possuia; mas, vendo que lhe respeitavam as propriedades e o convidavam benevolmente a regressar a ellas, desceu bem depressa a travar conhecimento com as tropas e a abastecer-las dos mantimentos frescos que desejavam.—Ainda em 1862, nas esquinas da rua principal de Yen-tai, vimos nós algumas das proclamações em china que o segundo commandante Jamin, no mesmo dia do desembarque, mandou affixar por todos aquelles lugares, animando os chinsas a voltar, com a promessa de manter inviolaveis as suas casas. Esta indifferença para com os vestigios de um exercito estrangeiro, que d'ahi marchára sobre a capital e afugentára o imperador, fez-nos crer que a saudade dos lucros do fornecimento calára mais do que o patriotismo no espirito dos habitantes de Yen-tai.

Em quanto que a expedição descansava ali das incommodidades de uma viagem de seis mezes, e ao mesmo tempo se preparava activamente para um desembarque, que se julgava dever ser mais disputado do que foi, o chefe do estado maior, acompanhado pelo coronel encarregado da repartição topographica e por um official superior de marinha, era enviado até as muralhas de Ta-ku a fazer um reconhecimento, cujo resultado devia indicar as ultimas disposições para a acção da tomada d'aquelles fortes e determinar o embarque immediato do exercito.

O embarque principiou no dia 23 de julho. Na manha de 26, a fragata *Renommée* igava no tope o signal de partida, e a esquadra do vice-almirante Charner, em numero de quarenta e dois navios, quasi todos a vapor, e disposta em tres columnas, largava da bahia de Tche-fu para ir juntar-se com a de sir George Foley, ao sudoeste da ilha Chai-tien. No dia 28, as duas esquadras, fundeando quasi simultaneamente no lugar combinado, formavam o respeitavel ajuntamento de mais de dusentos navios, tendo a seu bórdo um escolhido exercito de trinta mil homens.—Quatro dias depois, no 1.º de agosto, as bandeiras da Inglaterra e da França eram

arvoradas sobre as fortalezas solitarias da margem direita do Pe-tang.

Tornemos a Yen-tai.

Logo que fundámos, um grande numero de embarcações rodeou o vapor, como ali é costume, carregadas de provisões de toda a especie, que por modico preço offereciam á venda. São estes barcos algum tanto maiores do que os *tanéis* do sul e as *sampanas* de Shang-hai, mas, posto que exteriormente da mesma forma, ainda mais incommodos do que esses para condução de passageiros, por descobertos e pouco aseados. Não usam as mulheres andar nas embarcações, e raras vimos nos demais pórtos do norte.

Estavam surtos na bahia vinte e dois navios mercantes de diferentes nações, excepto americanos.—Quando se admirou, não ha muito, a bandeira dos Estados-unidos protegendo quasi metade do movimento total dos pórtos commerciaes do imperio, é triste ver uma guerra cruel, intestina, e cujo odio fraticida ameaça sobrenadar indefinidamente em rios de sangue, paralysar com a rapidez da morte essa actividade callosal.

O pequeno vapor francez de guerra, *Hongkong*, que em 1862 subio o Pei-ho transportando a Tien-tsin a legação portuguesa e o Encarregado de negocios da França, ainda se achava de estação em Tche-fu; e o *Carthage*, em que fizéramos n'essa primeira missão a viagem para Ta-ku, accendia as caldeiras no momento da nossa chegada, para largar em direitura a Hongkong.

Devendo o *Gerard* demorar-se vinte e quatro horas, resolveu S. ex. ir a terra, e ali foi recebido por mr. Morrison, consul inglez. E mr. Morrison filho do missionario protestante R. Morrison, que acompanhava na qualidade de interprete a embaixada de lord Amherst e que, durante a sua longa residencia em Cantão e em Macau, deu á luz varias obras de grande merecimento sobre a litteratura e a lingua dos chinsas, entre as quas deve citar-se especialmente o seu excellent *Diccionario*, publicado entre os annos 1815 e 1823. Mr. Morrison herdou de seu pai grande conhecimento da lingua sinica e um tão reconhecido talento que nos dizia, em Pekim, sir Frederick Bruce que os seus officios e relatorios eram verdadeiros modelos de elegancia no estylo e de trabalhosa investigação. Não menos o distingue porem uma extrema singularidade de caracter, que o tem ás vezes levado a commetter temeridades com a mesma indifferença que mostraria nos actos mais triviaes da vida. Citaremos um d'estes factos, que nos contaram.—Depois da occupação de Pekim e da assignatura das convenções, mr. Morrison, que também acompanhára lord Elgin e que fora por elle designado para o consulado de Tche-fu, resolveu ir por terra occupar o seu posto. A distancia, e o estado de irritação contra os europeos em que necessariamente devia achar-se toda a provincia, tornavam esta viagem sobremodo perigosa; mas não limitou mr. Morrison a sua ousadia a tão pouco, e, antes de seguir directamente o seu caminho, foi demandar o acampamento das tropas do príncipe Sang-ko-lin-sin, que era sabido ter-se retirado para o nordeste de Pekim, junto da Grande muralha. Chegado ali e tendo pedido que lhe indicassem a tenda do general, veio este recebe-lo á porta e perguntou-lhe:—Que me quereis?

“Receber a dita de elevar os olhos á vossa augusta corpuencia,”—respondeu Morrison, esmerando-se na urbanidade proverbial das praticas chinsas,—“e pedir-vos licença de percorrer este acampamento das myriadas dos vossos soldados.”

—Para quê, se já os derrotaram os vossos?—contestou assomado o príncipe.

“Sómos agora amigos. A philosophia ensina a frequentar cada um os seus amigos e a evitar os inimigos.”

—Dizeis bem; mas, na ignorancia de serdes amigo ou inimigo, poderia eu mandar-vos cortar a cabeça. Estou em que não valeria a pena,”—observou Morrison com a mais fleumatica tranquillidade;—“por tão insignificante equivoco teriam talvez os meus compatriotas o capricho de incommodar outra vez o governo do muito alto imperador.”

On fosse vencido da razão, ou do sangue frio da resposta, Sang-ko-lin-sin convidou Morrison a tomar com elle uma refeição e foi depois pessoalmente mostrar-lhe o acampamento. Satisfeita assim a curiosidade, o intrepido aventureiro partiu a cavallo para Tche-fu, onde chegou a salvamento com vinte e tantos dias de caminho.

Estende-se a povoação de Yen-tai á esquerda, ou a oeste, de *Tower point* e no espaço de quasi uma milha á borda da praia. *Tower point* é, como já dissemos, uma lingua de terra alta que divide na bahia duas enseadas, tendo na summitade uma pequena torre quadrada de quinze pés de altura, sem porta e com uma guarita de vigia dentro dos parapetos. N'esta elevação, por mais arejada e vistosa, se projecta construir o estabelecimento europeu quando o commercio do porto venha a tomar desenvolvimento maior. Por em quanto a comunidade ex-

trangeira é pouco numerosa, pois não excede a vinte individuos, e casas de boa apparencia não chinsas apenas se vêem tres com a da alfandega.

Edificam ali os chinsas as suas habitações com muita solidez, usando menos tijollos do que pedras, e affeccionando estas de modo que nas paredes exteriores se mostram unidas em polygonos de variados feitios, os quaes, sendo muitas vezes também de diferentes côres, pela grande abundancia e diversidade de pedreiras que ha por aquellas encostas, formam repetidos mosaicos muito agradaveis á vista.

A rua principal de Yen-tai conserva sempre grande transitio de viandantes, de vendilhões e de cavalgaduras especialmente empregadas em carga de cereaes ou de farinha. Ha na povoação muitos moihnos, pelo sistema vulgar de duas mós de pedra, uma fixa e a outra girante com o impulso de um muar ou de um jumento. Arrestam e carregam os moleiros as suas réguas de cavalgaduras muito semelhantemente aos nossos, usando até para segurar os sacos dos mesmos pásos arqueados que em Portugal se chamam arçãos.

Quasi na extremidade d'aquella rua mais populosa, encontra-se um pagode, cuja primitiva edificação data do segundo anno do reinado de Chun-ti (1334), decimo e ultimo imperador da dynastia Yuan, ou tartara mongalia. Tem dos lados da entrada, que olha para um dos mercados da villa, duas torres elegantes, com tres pavimentos e campainhas nos angulos. É dedicado á divindade feminina, protectora dos maritimos, *Kuan-in-pu-sat* (divindade de Kuan-in), ou *Tien-hou-chau-nu* (santa mãe, rainha dos céos), que no segundo recinto do templo se representa n'uma estatua dourada e menos caracteristica do amor de monstruosidades que de ordinario inspira os esculptores chinses.

Na nossa volta de Tien-tsin, visitámos alguns lindos pontos das visinhanças de Yen-tai. Era em junho, e n'uma bella tarde em que a brisa do mar desalterava a planicie extensa e verdejante dos ardores do sol, já então a esconder-se. Terminára a ceifa, e a gente do campo, homens, mulheres e crianças, entretinha-se alegre pelas eiras nos trabalhos da debulha.—Na falda da montanha vimos uma pequena povoação cercada de muros, que abattidos em ruinas, tornavam irrisorio o pretendido aspecto defensivo, mas a hera verde e espessa, entrelaçando-se por elles e revestindo-os, davalhes em troca formosura mais propria d'aquelles campos. A povoação tem quatro portas, e duas ruas que se cruzam no centro perpendicularmente, á semelhança da cidade de Tien-tsin.—Em altura não muito distante, está situado um grande pagode, de onde se descobre a bahia e o mar dilatado a infindos horisontes.

(Continúa.)
P.

NOTICIAS CIENTIFICAS.

RELATORIO SOBRE A EPIDEMIA DE CHOLERA-MORBUS EM MACAU NO ANNO DE 1862

APRESENTADO AO CONSELHO DE SAUDE NAVAL E DO ULTRAMAR

Pelo dr. Lucio Augusto da Silva, cirurgião mór de Macau

(Continuação do numero 44.)

Como já referimos, poucas vezes se apresentaram n'esta epidemia os prodromos ou signaes premonitórios, e os ataques foram na maioria dos casos immediatos. Esta circumstancia pois da existencia dos prodromos não serviu para o prognostico da doença. A suppressão prompta da diarrhéa e dos vomitos, a reaparição ou o estado normal da excreção da urina, a pouca intensidade das cainbras, a existencia pouco notavel da cyanose não indicavam um prognostico favoravel; assim como a persistencia dos vomitos e da diarrhéa, a suppressão da urina e o apparecimento dos soluços não foram também signaes certos de terminação fatal. As unicas circumstancias que impressionavam, e que se podiam tomar sempre como indício de summa gravidade foram o abaxamento consideravel da temperatura do corpo, acompanhado de suores abundantes e viscosos, com certa anxiedade e um embaciamento e seccura da cornea característicos.

A anatomia pathologica foi pouco attendida. Praticámos algumas autopsias, e estas sómente em individuos que falleceram nos hospitaes. A repugnancia que sempre se encontra da parte das familias para que ellas se pratiquem nas casas particulares, a necessidade de attender ao serviço em varias partes, e a circumstancia de nos termos casualmente ferido em uma das autopsias, foram as causas de não havermos aberto muitos cadáveres. Pelos mesmos motivos o exame cadaverico limitou-se aos orgaos contidos nas cavidades do peito e do ventre, e d'estes mais particularmente ao apparelho digestivo. Foi pois mui pouca a attenção que podémos prestar a esta parte tão importante da historia das doenças.

A cyanose dos cadáveres foi sempre pouco notável, a não ser nos dedos dos pés e das mãos, cujas polpas eram enrugadas. A magreza raramente foi extraordinária, e nunca a ponto de tornar o indivíduo desconhecido, o que se explica pela rapidez com que se estabelecia o segundo período, e paravam as evacuações, as quaes se faziam só pela superfície cutânea. Era porém para se notar a contração dos dedos dos pés e das mãos e o revelo dos musculos das pernas, coxas e braços.

Aberta a cavidade do ventre, notava-se o mesmo aspecto dos intestinos em todos os cadáveres. A sua superfície externa era pegajosa e lúzida, e os vasos sanguíneos tão injectados que lhe davam uma cor violácea, que não faltou em caso algum em que se fez a autopsia. A cór dos líquidos contidos nos intestinos variou, sendo mais ou menos arroxeados, mas em maior numero de casos semelhantes ao decto de arroz. Em um dos casos em que a diarrhéa se supprimiu mui promptamente no primeiro período, o liquido, perfectamente característico, era em tal abundancia que, feita uma punção em um ponto dos intestinos, projectou-se com força sobre a mesa da autopsia. A superfície interna dos intestinos cobria-se de uma materia abundante, pegajosa e esbranquiçada, extrahida a qual cuidadosamente, descobriam-se as vellosidades intestinaes e as glandulas de Peyer hypertrophiadas, porém de uma maneira não muito notavel. Os corpusculos granulados não foram observados.

Para evitar, quanto possível, que esta manifestação epidémica tomasse as proporções de uma grande epidemia, indicámos ás autoridades competentes as medidas hygienicas geraes tão uteis em semelhantes conjuncturas. Visitámos as ruas da cidade, o *Bazar*, as poçoções chinezas de *Patane* e *Mong-ha*, bem como todos os estabelecimentos em que se reúne grande numero de individuos, sendo acompanhada as medidas hygienicas geraes tão uteis em semelhantes conjuncturas. Visitámos as ruas da cidade, o *Bazar*, as poçoções chinezas de *Patane* e *Mong-ha*, bem como todos os estabelecimentos em que se reúne grande numero de individuos, sendo acompanhada as medidas hygienicas geraes tão uteis em semelhantes conjuncturas. Visitámos as ruas da cidade, o *Bazar*, as poçoções chinezas de *Patane* e *Mong-ha*, bem como todos os estabelecimentos em que se reúne grande numero de individuos, sendo acompanhada as medidas hygienicas geraes tão uteis em semelhantes conjuncturas.

Ordênamos fumigações, já de chloro, já de acido azotico, nos hospitaes, e exigimos que ellas se fizessem nos quartéis militares, na cadeia publica, etc., assistindo nós proprios, e dando as instrucções sobre a maneira como ellas deviam ser feitas.

Os doentes nos hospitaes foram tratados em enfermarias separadas, e as suas roupas sujeitas a fumigações antes de serem lavadas. Passada a epidemia, o hospital militar, onde se tratou maior numero de doentes, foi completamente caído e pintado, fazendo-se então varias obras importantes.

A fim de obter informações as mais exactas possível acerca da marcha da epidemia na população chineza, solicítamos que na repartição da policia se exigisse aos *matres* chins uma conta diaria dos casos de cholera por elles tratados. Foi isto ali feito com louvavel dedicacão, vencendo-se com alguma difficuldade a repugnancia e o desmazelo proprios dos chins, o que se deveu ao chefe e aos outros officiaes d'aquella repartição.

Tanto nos hospitaes, onde tratámos quasi todos os cholericos, como nas casas particulares, segundo as historias dos doentes que temos á vista, o tratamento curativo foi dirigido segundo a marcha da doença em cada individuo, os seus diferentes períodos, symptoms e complicações.

A diarrhéa foi combatida por meio de bebidas mucilaginosas com laudano liquido de Sydenham, de poções contendo o extracto de ratanhia, tintura de catu, opio, xarope de acetato de morphina, xarope de gomma e de clysteres de amido laudanais, etc. Com este tratamento, mais ou menos energico, conforme a maior ou menor frequencia e abundancia das evacuações, a diarrhéa parava promptamente. Em tres casos empregaram-se os calomelanos reunidos ao opio, com bom resultado em dois.

Nas *nauseas* e *vomitos* fez-se o emprego das poções acima indicadas para a diarrhéa; da poção anti-emetica de Revierius, de fomentações narcoticas, de sinapismos e ventosas secas no epigastrio, e finalmente de vesicatorios, sendo uma e outra vez a superficie do caustico curada com chlorhydrate de morphina, tratamento este que ao mesmo tempo se encaminhava a combater a gastro-enteralgia.

Nas *camboras* empregaram-se as fricções de oleo de meimendo, de linimento de sabão com opio, de linimento volátil camphorado, de tintura de mostarda, de balsamo de Fioravanti, etc.

1 Os sr. major B. de Senna Fernandes, tenente F. J. de Sousa Alvim e alferes F. X. Lobato de Faria.

2 Os facultativos que nos dirigiram as historias dos seus doentes foram os sr. J. C. da Silva Telles, J. J. Floriano Alvares, Theodoro de Abreu e Leonadio da Costa, os outros declararam não terem tratado caso algum de cholera morbus.

Para combater o *enfraquecimento* e *resfriamento geral* empregaram-se varios excitantes, tanto interna como externamente. Entre elles foram mais frequentemente usados a infusão quente de tilia, de calumba, de macella, o ether sulphurico, laudano liquido de Sydenham, vinho do Porto, aguardente, ponche, acetato de ammoniaco e a poção de Andral, em que entra este sal, o sulphato de quinina, o ether sulphurico e a camphora. Empregou-se tambem ás gottas a mistura de Strohmeyer, de licor ammoniacal anisado, tintura de valeriana etherea e oleo de hortelã-pimenta em partes iguaes. Outras vezes deu-se a mistura mais complicada de Strogonoff. Este tratamento foi sempre auxiliado, com o fim de chamar o calor á peripheria, pelas applicações externas de fricções excitantes, já indicadas, de maniluvios e pediluvios quentes e sinapismos, de sinapismos volantes, de vesicatorios nas extremidades, de areia e sal quentes, de botijas com agua quente e cobertores na cama.

Na reacção inflammatoria, que nunca foi intensa, o tratamento limitou-se á administração de bebidas demulcentes, entretendo-se a liberdade do ventre, quando era preciso, por meio já de clysteres, já de ligeiros purgantes. No estado adynamico empregaram-se os tonicos excitantes. As inflammacões, que vieram complicar a doença, foram combatidas como geralmente se costuma fazer, tendo-se sempre em vista as circumstancias especiaes dos doentes.

Muitos ataques particulaes, e alguns soldados naturaes de Macau, tinham já soffrido o tratamento usado no paiz quando o medico chegava, ou quando davam baixa ao hospital. Este tratamento consistia na administração de um licor espirituoso qualquer impregnado, por meio da fricção sobre um corpo duro, dos principios contidos nos tres lenhos *aguila*, ou *aguila abúbia* e *puchlo*. O licor era administrado em infusão quente de macella, e a sua acção auxiliada por fricções quentes de sal e gengibre nas extremidades. Outras vezes tomavam tambem umas pilulas chinezas que eram distribuidas pelos chins entre a sua gente, e que deverão ser analysadas. Alguns doentes levemente atacados restabeleciãem-se com este tratamento, e outros adquiriam allivios até que chegasse o medico ou dessem entrada nos hospitaes, onde eram sujeitos ao tratamento que acima fica rapidamente indicada.

(Continua.)

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

(Correspondência particular do *Ta-ssi-yang-kuo*.)

PARIS 10 de julho de 1864.

SR. REDACTOR.

A questão dinamarqueza entra agora n'uma phase quasi diplomatica, e tanto val dizer que as contradicções e as impostras recomençaõ incommodativas como a saarvia. E preciso pois que eu conserve muita ordem, e a maior reserva nas communicacões que lhe dirija. No fim de mez de junho a guerra recomença, e já os prussianos estavam de posse, á força, da ilha de Absen, e a questão de saber se a Inglaterra tomaria parte na luta estava terminada. As declarações do ministerio no parlamento, a resolviam: negativamente. Lord Russell n'uma admiravel exposição estabeleceu que a França, e a Russia, tendo recusado prestar todo o apoio á Dinamarca, e querendo a Suecia guardar a neutralidade, a Inglaterra não podia ingerir-se n'uma guerra, em que lhe seria impossivel impedir nos austro-prussianos o operarem no continente. Lord Russell den a conhecer um pouco que os Estados Unidos escapando á crise que os arruina e tendo exercitos formidaveis, e grandes esquadras, poderiam dirigir-se contra a Inglaterra. Elle apresentou o commercio inglez comprometido pela guerra com a Alemanha, fechando-se assim este grande mercado. Lord Russell, devemos confessal-o, foi bem inspirado. A franqueza, com que elle confessou esta fraqueza, a profunda convicção que o animava quando disse que obrava conforme lhe parecia util aos verdadeiros interesses da sua patria, valeu-lhe a absolucão do passado. Já não aconteceu o mesmo ao velho Lord Palmerston. Este queria firmar-se debaixo do jugo e ao mesmo tempo que confessava a sua derrota, queria ainda ameaçar a Alemanha com a sua colera, se ella *bombardasse Copenhague ou fizesse o rei Christiano prisioneiro*. Os risos de ironia foram os que receberam esta ameaça verdadeiramente ridicula.

Apezar das explicações de Lord Russell e de Lord Palmerston, não se comprehendia bem como o governo inglez se tinha resignado a esta attitude passiva tão pouco digna delle, quando appareceu no *Morning Post* uma volumosa correspondencia diplomatica trocada entre mr. de Bismarck e os agentes da Prussia declarando e estabelecendo d'uma maneira irrefutavel, que os tres poderes de Este—Prussia, Austria e Russia, tinham na recente entrevista de Carlsbad feito um contracto de segurança mutua, contra os riscos da democracia moderna. Segundo os termos do contracto d'esta *nova santa alliança*, a questão polaca era considerada como questão interior, na qual a Europa occidental não tinha direito algum de interferir sem se expor á colera das tres potencias. Garantias especiaes eram dadas á Austria sobre as suas possessões no Veneto e na Hungria, e promessas se faziam á Prussia garantindo-se-lhe a sua supremacia nos territorios conquistados á Dinamarca.

Como obteve o *Morning Post* documentos confidenciaes d'esta ordem? Eis aqui o que se ignorava primeiramente, e o que explica a incredulidade com a qual os jornaes acheram esta revelação. Aproveitando-se da hesitação geral mr. de Bismarck, e depois mr. de Rechberg, fizeram desmentir pelos seus agentes o conteúdo dos despachos conhecidos por esta indiscricção inexplicavel. O *Morning Post* porém, não somente sustentou a authenticidade destes

despachos, porem ainda publicou outros. Dizem que o governo inglez pagou tres milhões de francos por este segredo d'estado, e é ao conhecimento de taes documentos, que se deve attribuir a attitude ultra-pacifico do gabinete de S. James, depois do rompimento das conferencias de Londres. Hoje é factó admittido pela historia, que o Czar, o imperador da Austria e o rei Guilherme, se entendem como contrabandistas de feira. Um jornal catholico italiano, chega mesmo a publicar, debaixo do nome do principe Gorschakoff, uma carta na qual, o primeiro ministro do Czar diz que em 1814 se matou a democracia imperial para ter logar a paz, e que é preciso recomencar em 1864 a destruir a democracia *napoléonica*, no caso que se queiram evitar definitivamente as guerras europeas.

O que ha de mais claro em tudo isto, é que a França foi burlada, e ao passo que mr. de Metternich e o barão de Golz, tornados assiduos hospedes de Fontaineblau, adormeciam com boas palavras a sollicitude de Napoleão III., dissimulando-lhe a gravidade da situação, animando-o a recusar a sua cooperação á Inglaterra, a santa alliança se assignava.

A publicação do *Morning Post* foi o trovão que abalou o gabinete das Tulherias. Immediatamente, o embaixador francez em Londres recebeu ordem de procurar uma reconciliação com a Inglaterra e os jornaes officiaes, ha poucos dias ainda altanados a respeito de *John Bull*, apre sentaram-se ternos e afaveis para com elle. E porque o gabinete das Tulherias concebeu o que até alli ignorava vendo que se enfraquecia, asequinhando a Inglaterra, e que os soberanos reaccionarios se aproveitavam d'esta desintelligencia. São estas *ligeirezas de mão* diplomaticas que o imperador Napoleão não perdía facilmente a quem as empreza. Por isto a possibilidade de guerra proxima, sobre uma alliança franco-ingleza, recomença a ser seriamente discutida. Tomando o papel que lhe pertence e a sua politica tradicional a França se unirá á Hungria, á Polonia, a Venecia, e á Dinamarca contra a Austria, a Prussia e a Russia. Ella terá os reis contra si, é verdade, mas os povos a seu favor, e estes alliados valerão, sem duvida, mais que os seus adversarios.

Falla-se já da chamada provavel do embaixador da Prussia a Londres. Deus sabe as interminaveis discussões provocadas na camara dos Lords, e na camara dos commons, a respeito da questão dano-allema. Os *toris* assaltando o gabinete occupado pelos *Whigs* não podiam deixar escapar uma tão bella occasião de abrirem brecha em Lord Palmerston. Porem é necessario confessal-o, uns e outros tem sido altamente ridiculos. Entre Mr. Disraeli censurando a Lord Russell, não por ter sido muito imitado nos factos mas muito usado nas palavras, e Mr. Cobden protestando em nome da *bonnet de coton*, como diz Gueroult, contra a politica do governo, que podia trazer um ou outro dia a guerra, o bom senso publico não se pronunciou nem a favor de Mr. Glasstone, nem a favor de mr. Disraeli. Os *toris* provaram a sua incapacidade e mr. Cobden, apesar do seu grande espirito foi muito longe pedindo que a Inglaterra se separasse completamente dos negocios da Europa. As nações tem entre si solidariedade evidente, que é impossivel negar e quando a Polonia agonisa pode dizer-se que a França e a Inglaterra estão foridas.

Quanto aos feitos da guerra propriamente ditos não são de grande importancia n'estes ultimos dias. O duque de Glücksbourg irmão mais novo do rei da Dinamarca, foi como embaixador privado junto ao imperador da Austria e do rei da Prussia, e esperava-se que a sua missão seria coroada de successo, chegando-se a um commum accordo, e cessando o derramamento de sangue; porem parece hoje que os gabinetes de Vienna e de Berlim estão decididos a atacar, por terra e por mar, a Dinamarca, de commum accordo. Já dois regimentos de caçadores austriacos se apoderaram d'uma pequena ilha dinamarqueza, a ilha de Fohr, e os austro-prussianos preparam uma expedição contra a ilha de Fionie. Mr. de Bismarck não hesita mesmo na presença da eventualidade de chegarem os alliados de frente de Copenhague. Mr. de Rechberg hesita e medita, sobre as ameaças de Lord Palmerston.

Um telegramma de Francfort annuncia que mr. de Beust apresentando á dieta o seu relatório sobre as conferencias de Londres pediu que a confederacão germanica declarasse guerra á Dinamarca resolvendo promptamente a questão do successo em favor do duque de Augustemburgo.

A Russia, *Deus ex machina* das potencias allemãs, apressa-se, prevenindo os acontecimentos que se possam dar, em se desembarassar de seus cuidados interiores. O Caucaso está pacificado, sabe-se como, procura-se tambem em acabar com a Polonia. A Polonia quando acabará seu longo martirio? depressa, parece, porque os carrossos são decidaõmente em maior numero do que as victimas. Os exilicados cada vez são mais frequentes, deixando em sua passagem um rastilho de cadáveres e vêm-se jovens polacos lacera rem o rosto com as unhas para fugirem ao ultimo ultrage que a sua belleza não pode deixar de attrahir-lhes. O jornal official, de Varsovia, publica uma ordem do chefe principal de Policia, com a data de 2 de julho, fixando a natureza dos vestidos que devem ser considerados como habitos de luto. Eis aqui como termina a circular que merece ser registada na historia: "Se apesar dos esclarecimentos mencionados, algumas senhoras forem accusadas falsamente de trazer em si o luto prohibido, eu consinto de bom grado que qualquer senhora que tenha sido presa por engano da policia, venha á minha casa, sem mudar de vestido, dando-me assim occasião de destruir pessoalmente os enganos que possam acoeter." Eis aqui o que é a civilização do anno da graça de 1864, debaixo do sceptro d'Alexandre. Não haverá russo de corar quando se commettem taes horrores sem obstaculos? Mas que digo! a policia franceza emprega ainda a civilidade para com o gabinete de S. Petersbourg, impedindo que se cante nos logares publicos uma canção intitulada "O orfão polaco."

Quanto ao gabinete da Prussia obrigado pela sua posição a dar series provas ao Czar, acaba de principiar em Berlim um processo monstro dirigido contra alguns polacos do grande duque de Posen. O auto d'accusação que tem mais de 120 paginas, comprehende acima de 400 pessoas. A lista das quaes se acha o barão de Guthy, deputado de Posen ao parlamento de Berlim: são todos accusados do crime de alta traição por terem conservado relações com os polacos de Varsovia e formado o projecto de arrancarem o duqueado do dominio da Prussia.

Consta que a descoberta d'esta conjuração se deve á policia franceza, que encontrára papeis importantes em casa de José Cwirzelewicz, membro da commissão polaca de Paris, os quaes foram entregues ao governo russo que os enviou ao da Prussia. Os accusados não responderão perante o

jury que marca a lei será porem uma corte marcial que os julgará, sendo sem duvida vedada a publicação do que se passar no julgamento. Vê-se d'aqui que mr. de Bismarck sabe fazer as cousas!

O imperador chegou a Vichy no dia 7 do corrente acompanhado de toda a corte. Diz a *Monitor* que sua magestade foi acompanhado do ministro da agricultura, do chefe do gabinete e muitos ajudantes de campo. Correrá o boato que a sua magestade não iria ás aguas este anno, por terem as asperas variações de temperatura comprometido não pouco a sua saúde. Uma consulta de medicos porem decidiu que a residencia em Vichy só poderia ser favoravel ao restabelecimento da saúde de Napoleão.

A politica interior descança e o facto mais interessante a notar é a discussão que existe entre a *Presse*, a *Nation* e a *Europe* sobre a questão, se é ou não preciso fundar um terceiro partido e um ministerio deste terceiro partido, e em tal caso quem seriam os homens que o devem compor. Mr. de Girardin conlucio pedindo um ministerio que não faça caso algum das liberdades politicas, e que só tome conta das liberdades economicas. Mr. de Gerardin aspira a honra de ser um Cobden francez.

Porem Mr. Cobden pede as liberdades commerciaes n'um paiz onde já existem as liberdades politicas. Obrar d'outro modo seria collocar o carro adiante dos bois, e é exactamente o que mr. de Girardin se propõe a fazer. Os advogados accusados da illicita associação eleitoral, que soffreram penas domesticas, e que responderão em breve á policia correctional pelo delicto que lhes é imputado, sem duvida que estarão de accordo commigo.

P. J. Proudhon, que adoeceu gravemente ha quinze dias por motivo d'uma congestão cerebral, continúa a dar serios cuidados aos seus amigos. Recusa-se que o grande escriptor não possa dedicar-se novamente aos seus trabalhos. Os enviados da rainha da Madagascar chegaram a Paris, e foram no dia 9 recebidos por mr. Drony de Lhuys; o fim da sua missão é solicitar uma modificação no tratado concluido pelo commandante Dupré.

Antes de passar a tratar da America, devo sr. Redactor grupar ainda algumas ultimas noticias que não são de pequeno interesse. Sabeis que o partido *tory* propoz um voto de censura ao gabinete de Lord Palmerston. O ultimo safu triumphante d'esta prova, porque se na camera dos Lords elle teve a minoria, na dos commons 313 contra 291 declararam approvar a politica do governo na questão dinamarqueza, e diz-se que a Dinamarca, vendo-se deccididamente abandonada por todos encontrou um meio de se vingar de seu exallados. A viagem do duque de Glücksburg tem por fim esta vingança *in extremis*, consistindo em fazer entrar a Dinamarca inteira na confederação germanica. Esta noticia é verosimil.

Tudo quanto sul de Nova York é de 29 de junho. A partida do corrente, Grant parecia ter soffrido um revoz bastante serio, porem os commentarios cbrigados dos partidarios do sul e as exagerações evidentes que acompanham a exposição deste combate desgraçado, me obrigam a ser reservado. A America é um paiz em que os jornalista tem uma imaginação não commum. É por isto que no mez passado em Nova York todos andavam confusos, dizendo em segredo noticias as mais sinistras. O exercito federal na Virginia estava destruido e fallava-se de 100,000 mortos e 9,000 prisioneiros. Lee, victorioso avançava em frente dos confederados sobre Washington. Escuso dizer-vos que todas estas noticias eram falsas.

Na realidade Grant, com as vicissitudes inherentes á guerra, segue imperturbavelmente o seu plano que consiste em isolar Richmond. O seu exercito já destruiu todos os caminhos de ferro que ligam a capital confederada pelo oeste a pelo sul. Elle chegou depois os cercos regulares de Petersburg e do forte Boiling, que são as chaves de Richmond.

Os partidarios do sul, enobertos ou declarados, não perdem ao jorna general Unionista o talento que elle tem apresentando desde que assumiu o commando em chefe do exercito de Potomac, e por isso empregam todos os meios de o desacreditar. D'esto modo uma deputação de pessoas que nem mesmo tem a certeza da sua opinião, e que assignam ignorando o que lêem, se dirigiram a Lincoln, dizendo-lhe que a conducta de Grant era escandalosa e que era preciso fazer a cessar demittindo-o. Lincoln respondeu á deputação vagamente, e sem lhe dar importancia alguma. Isto é gracioso, porem eis aqui o que é foroz: o commandante de Charleston, Samuel Jones, preveniu o general Forster que bombardeia a cidade á testa das forças federaes, que tinha internado no logar da cidade mais exposta ao fogo das baterias inimigas, cinco generaes e 49 officias do exercito do norte, feitos prisioneiros em acções anteriores. O general Forster indignado deste procedimento, digno d'um *peau rouge*, preveniu Samuel Jones, que cinco generaes e 49 officias confederados em seu poder lhe respondiam pelas vidas dos prisioneiros federaes encerrados em Charleston.

Os jornaes do sul começam já a fallar da possível evacuação de Richmond. É um bom signal. Outros jornaes advoçam com grande vehemencia a separação, mostrando que a União não pode mais continuar. Parece-me que tem razão.

Até ao seguinte paquete.

CORRESPONDENCIAS.

MACAO 24 de Agosto de 1864.

Sr. REDACTOR.

Tendo lido no *Echo do Povo* do dia 21 do corrente, uma correspondencia d'um empregado de casa de commercio, expre-

bando o seu acreditado jornal por ter dito n'um artigo de redacção que o chá e seda rendia em Londres 20 a 30 por cento, affirmando pelos seus conhecimentos que só produz 4 a 5 por cento e que de cada 9 especulações só 3 surtem effeito.—apresso-me, Sr. Redactor, a declarar pelos conhecimentos que tambem tenho, e pelas conversas que a este respeito tenho tido com negociantes que não dão a saber os seus negocios aos infimos culis de sua casa, que muitas vezes as especulações de chá e seda deixam 40 e mais por cento, não sendo caso estranho que por motivos especiaes, e causas imprevisas haja alguma especulação em que se perca. Isto depende de eventualidades, e não porque o commercio seja máu.

Ha bem pouco tempo que o chá enviado á praça de Londres deu grandes perdas, mas isso não é razão para dizer que o seu ganho é precario ou pequeno. Quando se notam os lucros d'esta ou d'aquella especulação, é pela media de muitos e muitos annos de commercio e de muitas e muitas especulações. Vinte a trinta por cento será uma media um pouco exagerada, pôde ser, e filha d'um lapso, que pôde acontecer ao mais erudito escriptor, porem não é para ser logo julgado um acto de má fé, &c., e todas essas cousas que produziram *quatro linhas e tres quartos de retencioes*, que já se vê transpiravam fel para o redactor do jornal em que appareceu a carta a que alludo, as não publicar. De que servirão *escolunas* e outras cousas que eu cá sei em negocios de mera discussão?... Que homens!... meu Deus! Concluo, Sr. Redactor affiançando que a media do lucro das especulações de chá e seda em Londres é pelo menos de 12 a 20 por cento.

UM GUARDA-LIVROS APOSENTADO.

MACAO 24 de Agosto de 1864.

Sr. REDACTOR.

Parabens, Sr. Redactor, pelo serviço que o seu jornal fez á humanidade, publicando uma carta no seu acreditado jornal, em que chamou a attenção para os medicamentos novos, que appareciam por ali estropiados, chamando-se *cureis* ao que era tal. No ultimo *Echo do Povo* já vi com prazer, annunciado o xarope de Grimaud & Ca., feito de cal e não de couve, agora o que se vende é ainda uma pequena emenda, e chamar-lhe Hypophosphito e não Hypophosphato, porque o primeiro é alguma coisa na chimica, mas o segundo não se sabe o que é.

Não havia horelho que não esperasse grande consumo de *cureis*, mas ficam agora todos desapontados, e eu satisfeito, por ser um

GASTRONOMIA DE REPOLHOS.

ANNUNCIOS.

CORREIO MARITIMO.

A MALA para a Europa e India, por um dos vapores da Companhia Peninsular e Oriental, fechar-se-ha n'esta administração na Sexta-feira 26 do corrente ás 10 horas da manhã.

JOSÉ DA SILVA.

Administrador Interino.

Correio Maritimo,

Macau 18 de Agosto de 1864.

TENDO-SE recebido nesta administração do Correio de Macao uma circular do Correio de Hongkong, em que dá conta do novo systema adoptado naquella colonia ingleza a respeito do modo de se satisfazer a importancia do transporte das cartas e jornaes;

Devido o publico, em virtude deste novo systema, estampillar desde o 1.º do proximo Setembro em diante, todas as cartas e jornaes, que tiver de remetter para qualquer parte, que não seja Lisboa e Goa, porque para estes dois ultimos pontos não podem as cartas ter as estampilhas;

Achando-se á venda nesta administração do correio de Macao desde o referido dia, estampilhas de Hongkong para as cartas e jornaes;

Estando patentes ao publico na mesma administração as tabellas, que designam a importancia das estampilhas que devem levar as cartas e jornaes, segundo os paizes para onde tenham de se remetter;

Previne-se o publico acerca desta nova disposição, para que por este meio haja regularidade nos Correios, e possam desta forma chegar ao seu destino as remessas que se fizerem de cartas e jornaes.

Macao 20 de agosto de 1864.

JOSÉ DA SILVA.

Administrador Interino.

THOS. PEACOCK informa ao publico de Macao, que vae fechar brevemente, por mez que vem, o seu Estabelecimento na Rua de Sm. Lourenço, N.º 3, tendo reduzido consideravelmente os preços das fazendas remanescentes.

Pagamento prompto.

Macao 15 de Agosto de 1864.

A COMISSÃO nomeada por Sua Exa. o Governador de Macao para promover uma subscrição nesta cidade, com o especial intuito de dotar um adequado asylo para orfãos de marinheiros; reaceios que por qualquer involuntaria omissão deixassem de ser apresentada a todas as pessoas a lista da referida subscrição, faz por este constar, que a referida lista se acha franqueada a todas as pessoas que não tendo ainda concorrido a subscrever o queiram fazer, dirigindo-se para tal fim ao escriptorio do Sr. Maximiano Antonio dos Remedios até o dia 3 de setembro proximo vindouro.

Macau 23 de agosto de 1864.

MEDICAMENTOS NOVOS.

NA Pharmacia Lisbonense se acham á venda já ha tempo os preparados de Grimaud & Ca. successores de Dorvault, de Paris; constando de Xarope de rabano lodado, magnifico remedio que substitue com vantagem o oleo de figados de bacalhão em todos os casos em que este se applica, tendo alem dessas virtudes a de purificar o sangue, e como attestam os melhores medicos d'aquella capital. Do Xarope de hypo-phosphito de cal, muito recommendado para as doenças do peito. Com este precioso medicamento se curam a tosse, os suores nocturnos, a phisica e os catarros ordinarios. Do *Elixir digestivo de Pepsina*, optimo para a cura das gastralgias, gastrites e dispepsia (molestias do estomago). Elle facilita a digestão quando ella é difficil, reanima as forças do appetite, faz cessar os vomitos das mulheres gravidas, e restabelece as constituições gastas já pela doença já pelos trabalhos, por que é o mais poderoso nutritivo conhecido. Do *Hypo-phosphato de ferro solavel de Lecas*, precioso medicamento para a cura da Chlorosis, anemia (falta de menstruação e pallidez) da leucorrhœa, fluxo branco, debilidade, serofulas, dores de estomago, e afeções nervosas. Da *Injecção e Capsulas de matico*, para a cura certa da gonorrhœa, quer recente quer antiga. Estes preparados substituem com muita vantagem todas as preparações de copaliba.

Pela ultima mala e navios de vela, tambem se receberam de Lisboa, Londres e Paris um bom sortimento de outras preparações medicinaes já conhecidas, entre ellas as *Piulias de carbonato de ferro de Vallet*, as de *Ioduro de ferro de Blancard*, e as de *Ioduro de ferro e quinina de Cleret*; *Pastilhas peitoraes de Regnaud*, de *Nafé e Arabia*, e de *limaçoes*; (caracoes), *Capsulas de Copaliba mege simplici e com ferro*, e as *Capsulas de Raquin*, *Optimos dentrificos e nutritivos*; *Agua de Colonia* e de *Lavanda e Sabonetes fins*.

Na mesma Pharmacia se executam todos os pedidos por grosso e miudo de *soda water* e qualquer sorte de limonadas gazosas, por preços commodos e garantida a qualidade.

L. A. C. FIGUEIREDO.

ESTADO DO MERCADO.

Arroz.—As cheias em Cantão e Sautau, tem feito subir os preços do arroz, como 20 avos por picio. Não tem havido vendas em Macau, porem diz-se que em Hongkong as tem havido em grande escala. OLEO DE CANELA.—Chegarão 40 picos, e pedem e \$215. OLEO DE ANIZ.—Ha 35 picos, e pedem a \$155. Os mais preços não tem alteração em relação ao ultimo boletim.

MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 18 a 25 de Agosto.

ENTRADAS.

Agosto 23—Brigue hamburguez *Ota*—Capitão, E. Evert—120 toneladas—de Macassar, com sandalo e rotim.

SAHIDAS.

Agosto 18—Brigue hamburguez *Hermann & Theodor*—Capitão, B. D. Ercken—320 toneladas—para Newchwang, em lastro.
19—Brigue hespanhol *San Domingo*—Capitão, M. S. Gavito—203 toneladas—para Manila, com seda.
21—Galera ingleza *W. A. Forncessant*—Capitão, Tharodike—326 toneladas—para Singapura, com tabaco e panchões.
21—Barca franceza *Choir*—Capitão, Robert—498 toneladas—para Vallão, com 312 colonos chinas.
21—Brigue hamburguez *Madura*—Capitão, S. Semih—250 toneladas—para Vamp, em lastro, a reboque do vapor ingles *Tome*

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 25 DE AGOSTO.

Table with columns: ENTRADA, APPARELHO, NAÇÃO, NOME, CAPITÃO, TON., PROCEDENCIA, CONSIGNATARIO, ANCORADÓRO, DESTINO, OBSERVAÇÕES. Rows include ships like Tremelga, Concordia, Camilla, S. Francisco X., Carl, Portugal, Ammerland, Constance, Oita, etc.